

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS - UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS - CESP
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

ELIÚDE SANTANA LEITE DA COSTA

**O ESTUDO DA ARQUEOLOGIA DA PAISAGEM EM ESPAÇOS NÃO
FORMAIS DE APRENDIZAGEM**

PARINTINS/AM – 2024

ELIÚDE SANTANA LEITE DA COSTA

**O ESTUDO DA ARQUEOLOGIA DA PAISAGEM EM ESPAÇOS NÃO
FORMAIS DE APRENDIZAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação de Licenciatura em Geografia, do Centro de Estudos Superiores de Parintins da Universidade do Estado do Amazonas-UEA apresentado como exigência final para obtenção do Grau de Licenciatura em Geografia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Carmen Lurdes Freitas dos Santos Jacaúna.

PARINTINS/AM-2024

O ESTUDO DA ARQUEOLOGIA DA PAISAGEM EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE APRENDIZAGEM

Eliúde Santana Leite da Costa¹

Carmen Lurdes Freitas dos Santos Jacaúna²

RESUMO

A presente pesquisa se propõe a investigar em que medida as atividades em espaços não formais de aprendizagem, a exemplo dos sítios arqueológicos são eficazes para a compreensão da arqueologia da paisagem, resultado da ação do homem no meio em tempos pretéritos, os quais deixaram marcas que ainda são observadas nos dias de hoje por meio dos vestígios arqueológicos encontrados nesses sítios. Para alcançar o proposto, traçou-se como objetivos específicos: identificar os sítios arqueológicos existentes na cidade de Parintins; desenvolver uma atividade de campo com estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental em um espaço não formal de aprendizagem; analisar a percepção dos estudantes sobre a atividade realizada e a compreensão sobre arqueologia da paisagem na estrada do Parananema em Parintins-AM. O trabalho em uma abordagem interativa aponta que os educandos foram capazes de identificar nos dias atuais pode-se observar as interferências deixadas pelo homem na natureza, comprovando que sua interferência molda as paisagens de acordo com suas necessidades.

Palavras chaves: Ensino de Geografia; espaços não formais; Arqueologia da paisagem.

SUMMARY

This research aims to investigate to what extent activities in non-formal learning spaces, such as archaeological sites, are effective in understanding landscape archeology, the result of human action in the environment in past times, which left marks that They are still observed today through archaeological remains found at these sites. To achieve what was proposed, specific objectives were outlined: identifying the archaeological sites existing in the city of Parintins; develop a field activity with 8th year elementary school students in a non-formal learning space; analyze the students' perception of the activity carried out and their understanding of landscape archeology on the Parananema road in Parintins-AM. The work in an interactive approach points out that students were able to identify nowadays it is possible to observe the interference left by man in nature, proving that his interference shapes the landscapes according to his needs.

Keywords: Geography Teaching; non-formal spaces; Landscape archaeology.

¹ Acadêmico da Universidade do Estado do Amazonas- UEA. Endereço eletrônico: santtanaleite@gmail.com

² Profª. Drª. Da Universuidade do Estado do Amazonas – UEA. Endereço eletrônico: carmen.lfs@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A geografia escolar no Brasil tem despertado discussões sobre a formação docente e, conseqüentemente sobre o trabalho pedagógico do professor ao tratar dos conceitos geográficos, metodologias desenvolvidas e formas de avaliação da aprendizagem dos estudantes. A paisagem como modelo na abordagem dos conteúdos geográficos, no ensino básico, a construção das propostas metodológicas da geografia na escola, voltadas ao trabalho de conteúdos sobre as formas de apropriação e transformação da natureza pelo homem ao longo dos tempos, tem despertado interesse dos educadores geográficos pelos espaços transformados desde os primórdios e que servem de objeto de estudo a exemplo da arqueologia da paisagem.

Em vista do exposto, a presente pesquisa se propõe a investigar em que medida as atividades em espaços não formais de aprendizagem, a exemplo dos sítios arqueológicos são eficazes para a compreensão da arqueologia da paisagem resultado da ação do homem no meio em tempos pretéritos, os quais deixaram marcas que ainda são observadas nos dias de hoje por meio dos vestígios arqueológicos encontrados nesses sítios.

Para alcançar o que estamos propondo, traçamos como objetivos específicos identificar os sítios arqueológicos existentes na cidade de Parintins; Desenvolver uma atividade de campo com estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental da escola municipal Charles Garcia em um espaço não formal de aprendizagem; analisar a percepção dos estudantes sobre a atividade realizada e a compreensão sobre arqueologia da paisagem.

Esse trabalho também visa mostrar uma abordagem interativa proposta pelos docentes, aos educandos e a toda comunidade acadêmica interessada no tema, realizando uma socialização através do uso de metodologia que relacione o homem e a natureza, usando os elementos pertinentes ao ensino-aprendizagem presentes no ambiente não formal.

A pesquisa em uma abordagem qualitativa seguirá os aportes da fenomenologia por compreender que se faz necessário conhecer a percepção dos sujeitos envolvidos sobre a eficácia da metodologia adotada pelo pesquisador e a utilização do sítio arqueológico como espaço não formal de aprendizagem capaz de clarificar o entendimento dos estudantes sobre a arqueologia da paisagem.

Os autores que deram suporte a pesquisa e posterior análise foram MORAIS (1999), NEVES (2006); (SANTOS, 2012), (CASTELLS, 1999); (YVES LACOSTE,1988), (BEZERRA,2013), (LIMA, BARRETO, BETANCOURT, 2016). As análises interpretativas serão realizadas mediante o posicionamento e a fala dos estudantes, onde poderemos

observar que o ensino da geografia enquanto área de conhecimento vem constituir mais um dos domínios da Arqueologia, que durante muito tempo, privilegiou elementos como a arte, estilo, sepultamentos, rituais etc. – em suas análises sobre o simbolismo.

Neste sentido, o espaço geográfico não se constitui em mero reflexo sócio cultural, mas atua como um de seus fatores constitutivos, interferindo em sua configuração simbólica, recebendo, processando e transmitindo mensagens sociais. Portanto se os professores não estão entendendo os conteúdos e apenas os transmitindo de uma forma mecânica, ele não conseguirá desenvolver as abordagens e possibilitar aos alunos um ensino mais eficaz, pois ele não irá contextualizar esses conteúdos com o espaço real.

2. ENSINO DE GEOGRAFIA NOS TEMPOS ATUAIS

O ensino nos dias atuais, sobretudo no campo da Geografia, tomou novos rumos no início deste século. Somos levados a refletir o mundo em que vivemos no que se refere ao atual modelo de educação e aos desafios da própria geografia enquanto disciplina escolar. A luta por uma educação libertária que enxergue as desigualdades construídas pelo capitalismo e exploração do trabalho é a luta do ponto de vista crítico – que é a missão do (nosso) fazer docente, na formação contínua de alunos – que possam ser indivíduos preparados à vida e aos desafios do mundo global. Eis a necessidade da práxis para se fazer uma geografia crítica e conscientizadora que ultrapasse tautologias e construa um pensamento por meio da ação/reflexão do mundo em que se vive (vivemos), lutando dia a dia pelos os direitos coletivos, sabendo dos desafios que há por trás da política disfarçada por preceitos individuais e não coletivos.

Mudanças paradigmáticas são extremamente nítidas para darem solidez à (nossa) discussão, o que apresenta-se diante de uma nova revolução tecnológica. Alguns pesquisadores definem-na como sociedade em rede informacional (CASTELLS, 1999), outros de como técnico-científico (SANTOS, 2012), outros, ainda, utilizam termos de herança cronológica, de terceira revolução industrial (KUMAR, 1997) para dá sentido a um processo intensificado e expressivo da informação. Independente do termo utilizado para defini-la, essa nova fase e/ou revolução tecnológica vem impondo profundas mudanças no espaço geográfico, frente às relações sociais, econômicas, políticas, ideológicas e culturais, sobretudo na experiência condicionada no espaço-tempo (SENE, 2010).

Diante de tais mudanças, sugere-se, neste trabalho, elementos relevantes e norteadores como ponto de partida para a discussão, no sentido de refletir sobre novas demandas que são desafiadoras do ponto de vista do período contemporâneo, onde a educação e a geografia escolar são chamadas a tais contextos atuais, a promover o debate de uma reflexão em torno da aprendizagem, do desenvolvimento crítico e formativo ao aluno do século XXI, principalmente em cenários tão desafiantes e assustadores como o atual, onde a política (perversa) do neoliberalismo renega os direitos sociais de se ter uma educação pública, gratuita e de qualidade.

À medida que os sistemas técnicos, científicos e informacionais aceleram o percurso histórico da humanidade, o processo de ensino-aprendizagem parece não conseguir acompanhar esse “tempo perturbador de acelerações” (SANTOS, 2008) com o mesmo ritmo. Viver tais mudanças e desafios que o mundo impõe e à sua rapidez não é uma tarefa fácil, não só para a geografia escolar, mas, também, a educação brasileira. Eis o desafio: lutar por melhores condições de trabalho escolar, desdobradas na consolidação de carga horária reduzida, salários bem pagos e salas de aulas bem equipadas com materiais técnicos e laboratoriais, possibilitando a pesquisa e a formação crítica do discente, mesmo em meio a contextos políticos nem sempre favoráveis.

Uma escola que atenda à formação crítica neste mundo contemporâneo é fundamental para esses novos tempos, na medida em que o discente reconheça a sua importância, (a sua) história, (a sua) cultura e o seu valor, obtendo uma formação digna, reconhecida a partir do (seu) conhecimento adquirido, os seus direitos e valores conquistados como cidadão. Assim, um sistema escolar que esteja conveniente para esses desafios, barrando as sequelas das desigualdades socioespaciais e contribuindo para a formação de uma sociedade mais justa e autônoma, é de suma importância e necessário para os desafios que cada vez mais enfrentamos neste século XXI. Nessas circunstâncias, o docente tem diante de si, o desafio de aprofundar o seu conhecimento e os seus saberes produzidos em debates e reflexões na sala de aula, tornando provocativos os questionamentos e inquietudes dos discentes nas discussões.

Este trabalho tem o embasamento teórico, no qual, traçamos pertinentes reflexões acerca dos desafios da geografia escolar no ensino médio, a Base Nacional Comum Curricular – que se torna documento modelo no rol das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, onde a disciplina de Geografia passa a fazer parte do conjunto da grande área de conhecimento das mesmas, tendo implicações bastante contraditórias acerca das categorias conceituais do seu objeto de estudo no ensino fundamental. E, por fim, faremos uma breve

reflexão do espaço não formal do ensino de Geografia e a Arqueologia da Paisagem, fora da sala de aula como o lugar que se constrói os saberes geográficos, por meio da interação, participação do estudante.

Objetiva-se neste trabalho, discutir a importância da geografia e a arqueologia da paisagem escolar para a formação do aluno, com foco no Ensino Fundamental, buscando refletir sobre a prática e os desafios da educação geográfica no cenário atual, principalmente do ponto de vista político que conseqüentemente assola e desfavorece os projetos educacionais, prejudicando cada vez mais as classes populares que buscam por uma educação de qualidade e uma escolarização para uma formação cidadã.

3. ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE APRENDIZAGEM: DESAFIOS E PERSPECTIVAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA:

A geografia, enquanto ciência e disciplina busca interpretar e explicar o mundo tal como ele é, a partir da construção de conceitos voltados aos novos papéis atribuídos às ciências, exclusivamente. “Vivemos um período de mudança na ordem de significações; vivê-lo é viver uma circunstância de incertezas e, ao mesmo tempo, de oportunidades” (GONÇALVES, 2006, p.377).

Assim, o sentido da geografia escolar faz-se e refaz-se no dia a dia do aluno, na medida em que o professor necessita buscar e aproximar o discente por meio de saberes geográficos e contextualizados cotidianamente. Mas aí nos perguntamos: a geografia em sala de aula tem proporcionado esse objetivo? Ou ainda vivemos em uma perspectiva tradicional, mnemônica e descritiva? Denunciada pelo geógrafo francês Yves Lacoste (1988, p. 32), em seu livro *A Geografia*. Uma análise é bastante factual, é que, quando falamos de geografia crítica na educação básica, parece-nos bastante evidente que os(as) nossos(as) alunos(as) ainda estão esperando por essa geografia.

Refletir sobre a educação e, em especial, sobre o ensino de geografia nesse atual processo é fundamental. Com isso, Sene (2010, p.14) define que “a educação é atravessada por diversos vetores que atuam na sociedade em determinada época [...]”. Ao estudar os desafios do professor e seus desafios da prática pedagógica na atualidade, Araújo e Yochida (2012, p.2) distinguem que:

A educação está no processo constante de mudanças, mudanças essas que tentam acompanhar o ritmo do novo milênio. Nesse sentido o educador vem exercendo

um papel insubstituível no processo de transformação social, pois a formação de sua identidade ultrapassa o profissional, constituindo fundamentalmente a sua atenção profissional na prática social.

Muitas são as discussões pertinentes em torno dessa temática, onde, inúmeras indagações são colocadas sobre as reflexões, diante daquilo que pretendemos construir. A dúvida sempre será a ideia centralizadora de nossas inquietações, na medida em que não temos respostas prontas para a questão da pesquisa, mas propõe-se reflexões necessárias para encontrá-la. Convince-nos em uma afirmação parcial, mas jamais acabada, que o ensino básico está num constante processo de mudanças no desafio de acompanhar o ritmo da atual fase a que atribuímos como o processo de globalização, sobretudo os espaços não formais de aprendizagem, desafios e perspectivas no ensino de Geografia – que tem como tarefa explicar o desafio da totalidade-mundo, (STRAFORINI, 2001).

Na década de 80, no contexto dos movimentos sociais, surge a educação em espaços não formais, uma educação que ultrapassa os muros da escola, porém regada de controvérsias, pelo fato de não se restringir a processos institucionalizados e escolarizáveis. É de extrema relevância refletirmos sobre essa educação que abrange várias dimensões como a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos, capacitando-o para o trabalho “através da aprendizagem de habilidades, bem como o desenvolvimento de potencialidades, possibilitando aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor” (Gadotti. 2005, p. 36).

Para Gadotti (2005), a educação não-formal descentraliza o poder de educar, é menos burocrática, e visa uma aprendizagem flexível, que respeita as diferenças biológicas, culturais e históricas e que ultrapassa os muros da escola, podendo o professor escolher espaços com potencial de desenvolver a aprendizagem com mais dinamismo, convidando os estudantes a desenvolver a habilidade de observação, reflexão, levantar hipóteses, tirar conclusões sobre o tema estudado e com isso produzir seu conhecimento.

De fato, muito se discute sobre os espaços não formais de aprendizagem, seus desafios e perspectivas. Selecionar um espaço fora de sala de aula para estudar um tema e promover a aprendizagem precisa de um olhar habilidoso do professor podendo ser um museu, uma praça, uma rua, um lago, etc. Dessa forma, algo novo em um determinado lugar é sempre algo desafiador e temeroso para professores e escolas que não se propõem a buscar novas formas de ensinar. Como bem assinalamos no início dessa discussão, os tempos mudaram e vêm mudando de forma muito rápida, exigindo que a sociedade também se adapte a este ritmo veloz do tempo-mundo, espaço-mundo Santos (2002).

Desta forma, o presente trabalho também objetivou destacar a importância das práticas pedagógicas em espaços não formais de aprendizagem, a exemplo dos sítios arqueológicos, por serem capazes de promover atividades interdisciplinares necessário ao processo educativo. Essa questão justifica a necessidade da introdução interdisciplinar nas aulas de Geografia, como forma de aumentar a participação dos alunos, e proporcionar a assimilação de conteúdos de forma divertida e integrada, visto que as atividades lúdicas e interdisciplinares despertam o interesse dos alunos pelas aulas, e os mesmos relacionam a Geografia com o cotidiano, e no processo educativo o essencial é aproveitar o que o aluno tem de conhecimento no seu campo cognitivo e utilizar como ponto de partida para o desenvolvimento da aprendizagem.

4. ARQUEOLOGIA DA PAISAGEM

No sentido literal, a geografia, significa “estudo da Terra”, é uma ciência compreensiva e interdisciplinar por excelência. Por estar inserido num campo tão amplo quanto o das ciências da Terra, define-se aqui a importância de sua extensão na arqueologia. Segundo Andrew Fleming, o termo “arqueologia da paisagem”, ao que parece, foi usado pela primeira vez, na Grã-Bretanha, em meados dos anos 70. A arqueologia é o estudo da sociedade por meio de seus vestígios, que podem ser artefatos concretos e palpáveis, como uma cerâmica ou um lítico (instrumento de pedra), ou evidências mais abstratas, como os indícios de uma fogueira e de um acampamento, entre outras. Quando dispomos de material histórico, o registro escrito, a descrição de uma civilização se torna menos trabalhosa para o pesquisador. Porém, quando se tem diante de nós apenas evidências de uma característica específica de um povo, resta-nos, a partir desses achados, inferir teorias que tentam compreender como viviam as pessoas há milhões de anos atrás.

De acordo com (Renfrew & Bahn 1993):

Arqueologia se interessa no conhecimento global da experiência humana no passado: como se organizavam as pessoas em grupos sociais e como exploravam o entorno, o que comiam, faziam e o que acreditavam; como se comunicavam e porque mudaram sua sociedade. (Renfrew & Bahn, 1993, p.18).

A análise das intervenções do processo socioespacial desses povos no ambiente e que o homem contemporâneo faz até hoje, caracterizam seus modos de vida, como viviam,

produziam, comiam, moravam e se vestiam ao longo de sua existência. De acordo com o Guia Temático de Arqueologia, (2008).

A arqueologia define, portanto, (é) a vertente que trata do estudo das sociedades no contexto da presença da escrita e/ou documentação define-se como História. Na arqueologia, a paisagem é o espaço visível pelo pesquisador, onde ele concentra seus estudos na busca de entender as sucessivas ocupações humanas em uma mesma paisagem e como ocorreu essa transformação. Segundo Milton Santos (1988),

Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc. (SANTOS, 1988, p. 21)

É importante notar que (SANTOS, 1988, p. 21), deixa claro quando fala que a paisagem não é só formada por apenas de volumes, e sim definida como domínio do visível. Dessa maneira, a arqueologia da paisagem é o espaço visível pelo pesquisador, onde ele concentra seus estudos na busca de entender as ocupações humanas através da paisagem.

Na arqueologia, a paisagem é o espaço visível ao pesquisador, onde ele concentra seus estudos na busca de entender as sucessivas ocupações humanas em uma mesma paisagem e como ocorreu essa transformação. Assim, a arqueologia da paisagem é uma linha de pesquisa cuja base está na estreita ligação da arqueologia com a geografia

Para Moraes (1999, p. 49), como estratégia de pesquisa, “a arqueologia da paisagem prima pela a mínima intervenção no registro arqueológico, na tentativa de inferir sobre o modo de ocupação das populações que habitaram o território onde se insere o sítio arqueológico”, analisando, além de artefatos arqueológicos, os vestígios e intervenções encontrados no entorno do sítio.

Com o objetivo de atingir a meta de reconstituir o modo de ocupação do território por populações antigas com o mínimo de intervenção no sítio arqueológico, na atualidade privilegia-se o uso de geotecnologias.

5. SITIOS ARQUEOLOGICOS EXISTENTES NA CIDADE DE PARINTINS

Algumas descrições básicas confirmando a existência de vestígios de sítios arqueológicos identificados no município de Parintins-AM possibilitam que os

pesquisadores e comunitários moradores da região conheçam sobre os modos de vida das populações que viviam no passado nessas localidades, confirmando a existência de vestígios arqueológicos.

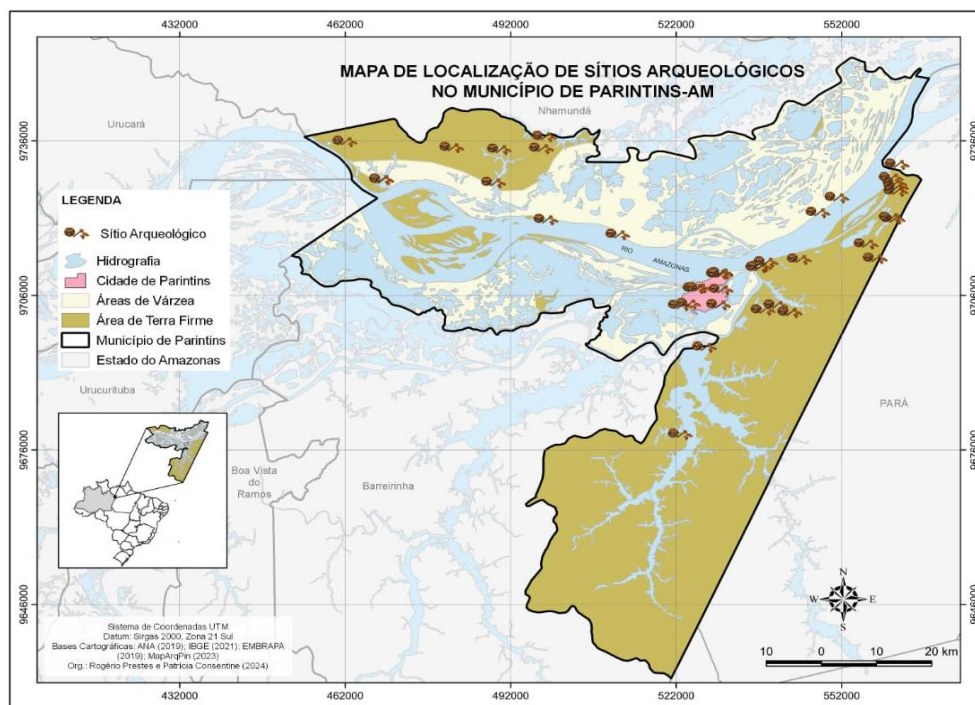
Do mesmo modo que as teorias de outras ciências influenciam o avanço do pensamento arqueológico, o estudo das sociedades antigas possibilitou o entendimento da evolução do homem, provendo assim as bases para que outros estudos pudessem se desenvolver.

Para tanto, define habilidades relativas ao domínio de conceitos e metodologias próprias dessa área. As operações de identificação, seleção, organização, comparação, análise, interpretação e compreensão de um determinado objeto de conhecimento são procedimentos responsáveis pela construção e desconstrução dos significados do que foi selecionado, organizado e conceituado por um determinado sujeito ou grupo social, inserido em um tempo, em um tempo, um lugar e uma circunstância específicos (Ibid., p.61-62).

A cidade de Parintins agrega inúmeros sítios arqueológicos nas áreas urbana, rural e suburbana da cidade. Na Vila Amazônia, Lage/Santa Maria, Borges; Miriti; Zé Açú e Bom Socorro do Zé Açú; Laguinho, Independência, Nova Olinda, Zé Mirim e Maranhão. Nessas áreas foi observado a presença de ocupações humanas do passado em “terra preta” e areal e visualizado material lítico e amoladores, bem como, fragmentos cerâmicos de diferentes tipos e variados tamanhos e espessura de interesse da arqueologia. (LIMA; SILVA, 2005, p.5).

Deste modo, a pesquisa tornou-se entanto (um pouco) desafiadora, de certa forma foi percorrido um caminho para se ter a produção do espaço geográfico e a cultura material do passado, evidenciando “*O estudo da Arqueologia da Paisagem em espaços não formal de aprendizagem*” na Comunidade do Parananema, no município de Parintins. Além disso, entender o processo de organização espacial de povos antigos que estrategicamente ocuparam aquela área, que atualmente evidenciam características da ocupação humana e indícios de sítios arqueológicos apresentados na figura 1.

Figura 1: Mapa da localização dos sítios arqueológicos existentes no município de Parintins-AM



Fonte: Bases Cartográficas: ANA (2019); EMBRAPA (2019); IBGE (2020); MapArqPin (2023).

Adaptado por Rodrigo Prestes e Patrícia Consentine, 2024.

Essa pesquisa foi realizada no município de Parintins, com localização dos sítios arqueológicos existentes no entorno do município, como mostra a imagem (1). Parintins é um município brasileiro está situado na mesorregião do centro amazense e microrregião de mesmo nome e localiza-se a leste da capital do estado, distante 369 km da capital Manaus. Possui a terceira maior concentração populacional do Estado, ficando atrás apenas de Itacoatiara. A população da cidade de Parintins (AM) chegou a 96.372 pessoas no Censo de 2022, o que representa uma queda de -5,55% em comparação com o Censo de 2010. Os resultados foram divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022).

Este trabalho, portanto, foi desenvolvido a partir do pré-estudo de área com presença de grande quantidade de fragmentos cerâmicos e líticos encontrados aflorando na superfície de solo antropizado, citado na literatura acadêmica como “terra preta” e areais, que caracterizam a existência de sítio arqueológico e é onde os comunitários praticam as atividades da roça, produção de hortaliças, fruticulturas entre outras no presente.

Para a aplicação deste projeto foi realizado uma consulta com a direção da escola “Charles Garcia”, professores da disciplina de Geografia para ver a possibilidade da aplicação do então projeto de campo denominado “*O estudo da arqueologia da paisagem*”

em espaços não formais de aprendizagem” com estudantes do 8º Ano do Ensino Fundamental daquele educandário.

Para que este projeto tivesse êxito contamos com a parceria da direção da escola Municipal Charles Garcia, que autorizou os professores da disciplina de geografia do referido educandário e conduziu o comunicado aos pais dos estudantes para autorizarem seus filhos a participassem do mencionado projeto de campo, Secretaria Municipal de Educação (SEMED) que contribuiu com o ônibus do transporte escolar trasladando os estudantes.

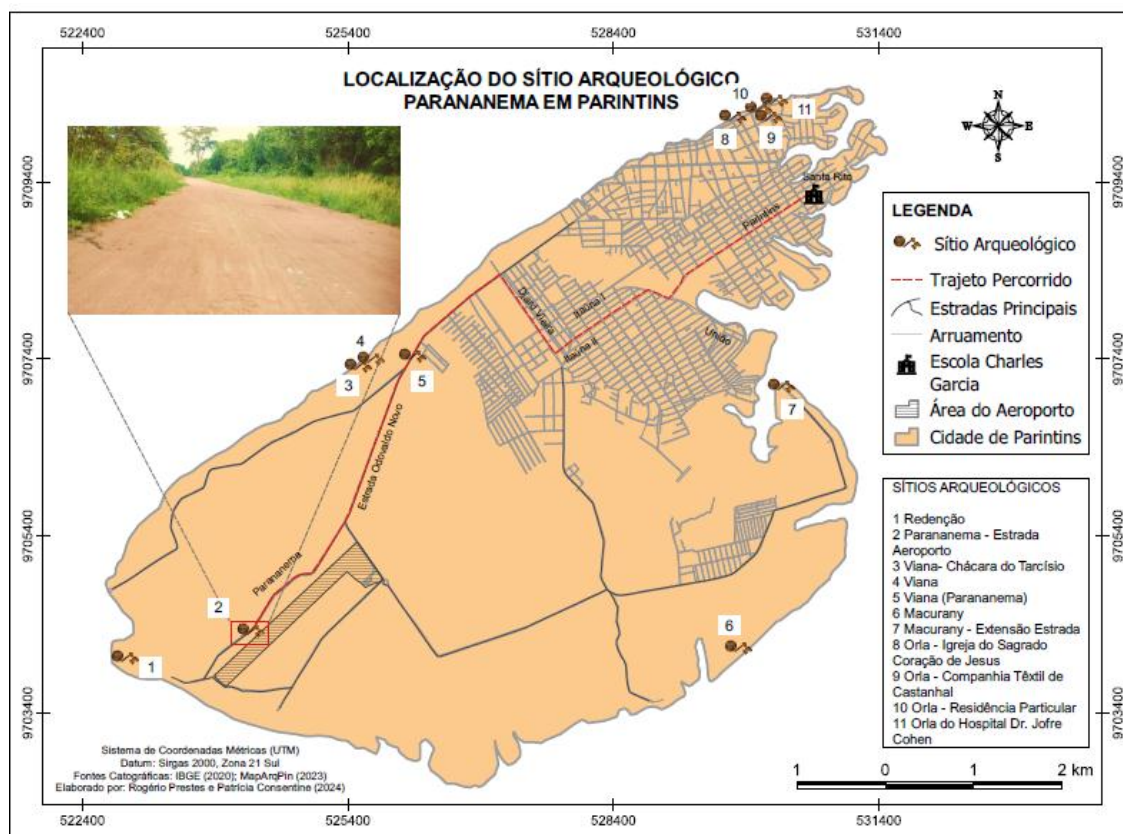
A constatação sobre a existência de sítio arqueológico pré-colonial, ocupadas por comunidades na área urbana e suburbana de Parintins na atualidade, somada a consciência do dever constitucional que impõe a todo o cidadão brasileiro a responsabilidade sobre a proteção e defesa deste patrimônio responde pelas ações no âmbito da Educação Patrimonial desenvolvido com estudantes do 8º Ano do Ensino Fundamental da escola Municipal “Charles Garcia” na Comunidade do Parananema, Parintins-AM como ênfase deste trabalho.

De acordo com a Portaria nº 316, de 4 de novembro de 2019, que estabelece procedimentos para identificação e reconhecimento de sítios arqueológicos, e;

Art.2º define como “Sítio arqueológico o local onde se encontram vestígios resultantes de atividades humanas, do período pré-colonial ou histórico, localizados em superfície, subsuperfície ou submersos, passível de contextualização arqueológica”.

Na mesma portaria, reforça no seu artigo 13º que fica garantido proteção a todos os sítios arqueológicos, mesmo que ainda não tenham sido reconhecidos.

Figura 2: Mapa da localização dos sítios arqueológicos existentes na área urbana e suburbana da cidade de Parintins-AM.



Fonte: Bases Cartográficas: IBGE (2020); MapArqPin (2023).
Adaptado por Rodrigo Prestes e Patrícia Consentine, 2024.

Para a realização da atividade proposta, a aula de campo, precisamos orientar os estudantes sobre o objetivo da atividade, os pontos a serem observados, a necessidade de anotação no caderno de campo, o cuidado para a não retirada dos vestígios arqueológicos encontrados (Ver figuras 3, 4, 5 e 6).

Figura 3 e 4: Orientação aos estudantes antes da saída pra aula de campo.



Fonte: Costa, Eliúde, 2024.

Figuras 5 e 6: Estudantes observam *in loco* o Sítio Arqueológico.



Fonte: Costa, Eliúde, 2024.

Ao observar os artefatos arqueológicos encontrados na estrada da comunidade do Paranema-Parintins (Figura 07) e artefatos encontrados na comunidade de São Paulo na Região da Valéria, (Figura 8) pode-se observar que alguns artefatos possuem características idênticas nos formatos e desenhos. Isso quer dizer que esses povos se deslocavam, passando um determinado período em um lugar e mais tarde migrava para outro, não se sabe o motivo pelo qual dessa migração.

Figura 7: Artefatos Paranema



Figura 8: Artefatos Valéria



Fonte: Costa, Eliúde, 2024.

Os fragmentos cerâmicos indígenas da área do Paranema e da comunidade de São Paulo na Valéria, as peças desses artefatos são similares, apesar de pertencerem a localidades diferentes, e isso nos permite ter acesso a vestígios e as técnicas de produção na fabricação dos objetos que essas populações desenvolveram para diferenciar e até mesmo deixar suas marcas nesses artefatos, de certa forma também nos permitem obter dados e informações sobre o processo de ocupação dos sítios arqueológico da região e entender as complexidades culturais desses povos. Lima, Barreto; Betancourt (2016) destacam que:

O *design* de uma peça é definido por uma complexa combinação de fatores que vão desde as qualidades da argila, as técnicas conhecidas e usadas nas etapas de fabricação dos objetos, o desempenho funcional esperado do objeto, além das escolhas estéticas individuais e eletivas. Porém, mais importante, os objetos cerâmicos, assim como outros, simbolizam escolhas culturais e são, ao mesmo tempo, produtos e vetores de relações sociais. (LIMA, BARRETO, BETANCOURT: 2016; P.20)

As amostras dos fragmentos cerâmicos são indícios que nos remete a entender que ali houve um processo de ocupação, pois se destaca por uma grande concentração de resquícios cerâmicos, como mostra as figuras 5, 6 na estrada do Parananema.

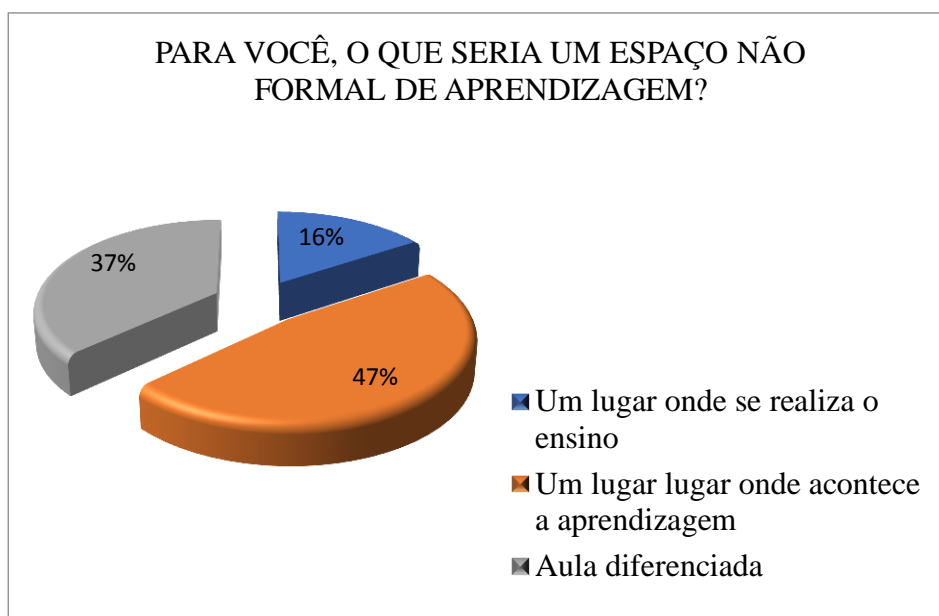
6. ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES SOBRE A ATIVIDADE REALIZADA E A COMPREENSÃO DA ARQUEOLOGIA DA PAISAGEM.

Resultado de dado do questionário sobre a eficácia das atividades realizadas na pesquisa de campo sobre o “**Estudo da arqueologia da paisagem em espaços não formais de aprendizagem**” aplicados para 19 estudantes tiveram como temas abordados as seguintes questões:

A princípio perguntou-se aos estudantes: Para você, o que seria um espaço não formal de aprendizagem?

As respostas dos alunos apresentam-se no **gráfico 1**. Do total, **(03)** estudantes responderam que é um lugar onde se realiza o ensino, perfazendo uma porcentagem de 16%, **(09)** estudantes disseram que é um lugar onde acontece a aprendizagem perfazendo 47 %, e **(07)** estudantes responder que é uma aula diferenciada, fazendo um total de 37% das respostas perpetradas.

Gráfico 1: (Perguntou-se aos estudantes) “Para você, o que seria um espaço não formal de aprendizagem?”



Fonte: Costa, Eliúde, 2024.

Observou-se que nesse primeiro gráfico a maioria dos estudantes responderam que as aulas ficam mais interessantes e é um lugar muito importante, pois, é onde acontece a aprendizagem, torna-se uma aula diferenciada e, portanto, outros estudantes responderam que é um lugar onde se realiza o ensino.

Para Gadotti (2005), a educação não-formal descentraliza o poder de educar, é menos burocrática, e visa uma aprendizagem flexível, que respeita as diferenças biológicas, culturais e históricas. A educação não-formal de certa maneira, associa-se à ideia de cultura. Desempenham um papel concreto de formação de aprendizagem, tanto na esfera cognitiva como social.

Constituindo o articulador da aprendizagem nos espaços não-formais, o educador social, utiliza como elo transportador da aprendizagem o diálogo tematizado. Neste sentido, existem metodologias diferenciadas, fundamentação teórica, etc, o espontâneo, a criação, são elementos que direcionam o trabalho do educador, que deve ter como fundamento: princípios, procedimentos e metodologias de trabalho.

Gráfico 2: (Como segunda questão, perguntou-se aos estudantes ☺ Para você, o que seria um sítio arqueológico?)



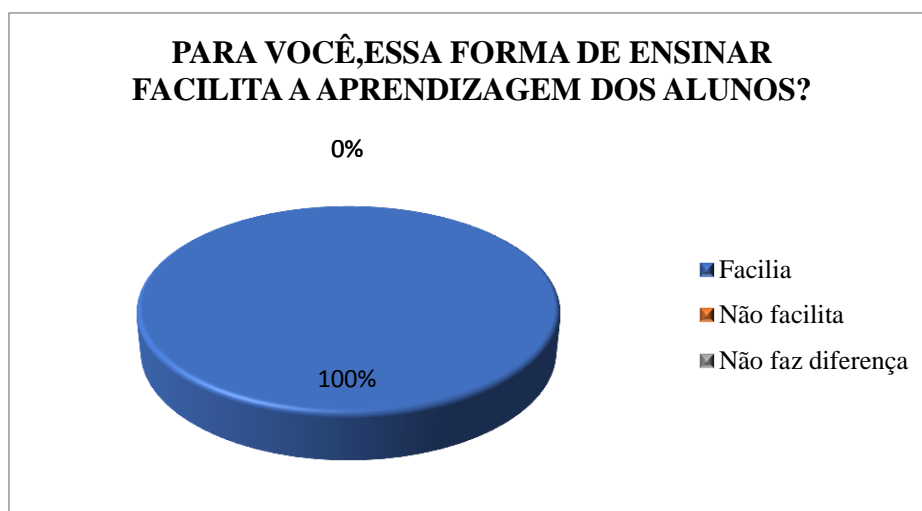
Fonte: Costa, Eliúde, 2024.

Com relação às respostas produzidas pelos estudantes, apresentadas no **gráfico 2. (10)** estudantes responderam que as interações teóricas e práticas, ambas são muito importantes para o aprendizado, num percentual de 47%; **(05)** estudantes expuseram que as aulas auxiliam realmente na aprendizagem e é um lugar onde a aprendizagem se torna mais eficaz, um percentual igual a 26 % e **(04)** estudantes respondeu que verdadeiramente é uma aula diferenciada fora do âmbito escolar, um percentual de 21 % dos estudantes.

Ao analisar o processo de aprendizagem de interações teóricas e práticas nesses ambientes com os estudantes, é possível ver um modo de ensinar e aprender ao mesmo tempo, foi possível conhecer de perto os resquícios arqueológicos e artefatos deixados pelos povos que viveram na daquele lugar.

Os estudos apresentados neste projeto se concentram especialmente na análise das atividades que tem como forma de proporcionar ao futuro profissional a habilidades necessárias à sua atuação como agente de mudanças sociais, quer seja como transmissor e/ou produtor do conhecimento geográfico dentro da sociedade, pois como nos ensina Paulo Freire: “É que ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, sem aprender a refazer, a retocar o sonho por causa do qual a gente se pôs a caminhar.” (FREIRE, 1996, p.79).

GRÁFICO 3: Para você, essa forma de ensinar facilita a aprendizagem dos alunos?



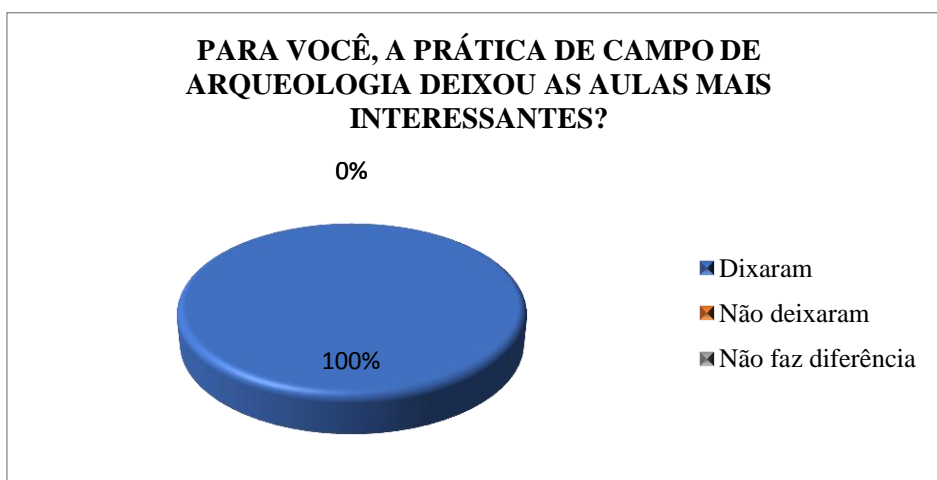
Fonte: Costa, Eliúde, 2024.

No que se referem à forma de ensinar, os **19** estudantes objetivaram do modo unanime o processamento das respostas em 100%, onde referiram que é uma forma muito eficaz de ser compreendida, facilitando a aprendizagem de forma sucinta e clara.

Robert Gagné (1916-2002) [...]. De acordo com este autor, a aprendizagem é uma modificação na disposição ou na capacidade cognitiva do homem que não pode ser simplesmente atribuída ao processo de crescimento. Ela é ativada pela estimulação do ambiente exterior (input) e provoca uma modificação do comportamento que é observada como desempenho humano (output) (OSTERMAN E CAVALCANTI, 2010).

Notou-se que os estudantes tiveram maiores preferências para esta atividade desenvolvida, pois optaram em dizer que esta forma de ensinar facilita a aprendizagem, tanto de eventos externo quanto interno da aprendizagem.

GRÁFICO 4: Para você, a prática de campo de arqueologia deixou as aulas mais interessantes?



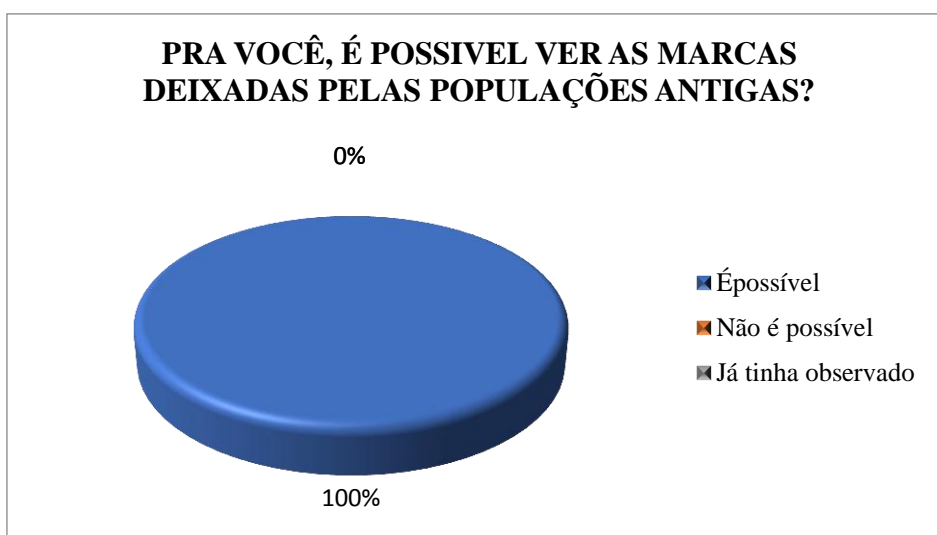
Fonte: Costa, Eliúde, 2024.

De certa forma, no que se referem à prática de campo de arqueologia, os **19** estudantes responderam 100%, também do modo unânime o processamento das respostas, onde mencionaram que a prática de campo deixa as aulas muito interessantes, pois é uma forma de aprendizagem abrangente.

Piaget (1993) considera que o conhecimento é construído a partir da sua relação com o meio, sendo assim, a aula de campo pode contribuir para a compreensão do próprio meio e para compreensão dos conteúdos ditos científicos, dado que esses estão relacionados ao espaço geográfico e às relações que se estabelecem nele.

A aula de campo é um recurso que está estreitamente ligado ao ensino de Geografia. Além de fazer parte do cotidiano no processo de formação de profissionais desta área, como uma importante ferramenta no processo de ensino-aprendizagem de Geografia e para a formação social dos estudantes, uma vez que as aulas de campo contribuem para a ampliação da visão crítica do espaço em que os estudantes estão inseridos e onde eles desenvolvem suas relações sociais e com o meio.

GRÁFICO 5: Para você, é possível ver as marcas deixadas pelas populações antigas?



Fonte: Costa, Eliúde, 2024.

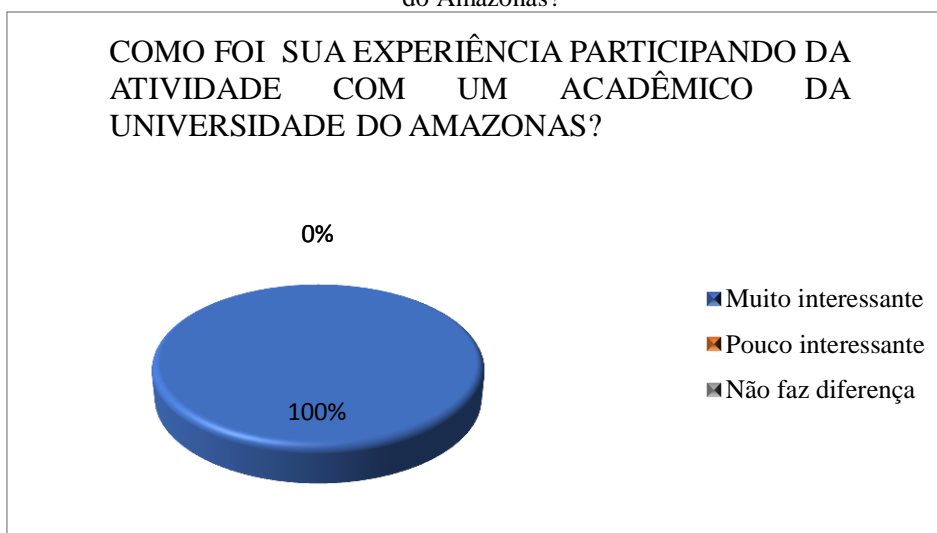
No que se referem às possíveis marcas deixadas pelas populações antigas, os **19** estudantes responderam 100% que é possível sim ver as marcas deixadas pelos povos que ocuparam as áreas, isso porque puderam ver os resquícios arqueológicos deixados pelas populações que ali viveram no local onde foi concretizada a pesquisa.

Na Amazônia a história da ocupação pré-colonial é relatada por intermédio da análise e interpretação dos registros culturais materiais deixados pelos povos antigos que habitaram a região. Segundo Roosevelt (1992 apud CUNHA 1992, p. 84).

A região amazônica pode produzir significativas informações arqueológicas sobre a história dos povos e culturas indígenas. Seus restos arqueológicos abundantes e bem preservados representam uma longa e inovadora trajetória de desenvolvimento indígena: dos primeiros caçadores-coletores nômades a coletores mais sedentários, a produção de cerâmica, à agricultura e ao surgimento de sociedades complexas.

O trabalho de campo passou a ser encarado como uma atividade bem planejada, com projetos bem definidos e voltados para responder problemas de pesquisa sobre o passado. Esta forma de ver as coisas foi baseada na objetividade e na neutralidade do profissional na realização das pesquisas.

GRÁFICO 6: Como foi sua experiência participando da atividade com acadêmico da Universidade do Amazonas?



Fonte: Costa, Eliúde, 2024.

No ponto de vista dos **19** alunos que participaram da aplicação do projeto de pesquisa na estrada do Parananema 100% responderam que foi muito interessante a participação, sendo acompanhado com acadêmico da Universidade do Estado do Amazonas-UEA.

É importante frisar que sem a parceria com a participação da escola, estudantes, comunidade e universidade não teria como fazer algo que não seja com a colaboração de todos envolvidos no projeto. Por isso deverá sempre haver essa interação entre escola, comunidade e universidade.

7. CONSIDERAÇÕES

No presente trabalho, percebeu-se um interesse muito grande por parte dos estudantes, na experiência vivenciada no local (um sítio arqueológico a céu aberto) na Estrada do Parananema. A intenção deste trabalho foi deixar explícito o que vem a ser um sítio arqueológico, um espaço não formal de aprendizagem, a facilidade de aprendizagem na prática de campo deixou a aula interessante para os estudantes, pois puderam vivenciar in loco a experiência das marcas deixadas pelas populações antigas.

Nesse sentido, refere-se especificamente ao Sítio Arqueológico da área suburbana na estrada do Parananema, na região oeste do município de Parintins-AM, onde foi localizado inúmeros fragmentos e resquícios de artefatos arqueológicos aflorados na superfície que evidencia a existência de povos antigos na naquela área focal.

Diante do exposto, pode-se perceber que a interdisciplinaridade abrangendo as diferentes áreas do conhecimento científico que é a base para o desenvolvimento das pesquisas. Pode-se entender também que existem diferentes formas de atuação das ciências da Terra na Arqueologia. A interdisciplinaridade entre as duas ciências possibilita observar o cenário arqueológico em distintas perspectivas, tanto no estudo em campo quanto no laboratório. As pesquisas arqueológicas no município de Parintins são tão diversificadas quanto sua dimensão territorial e as diferentes regiões também se destacam pelo comportamento de populações culturalmente distintas.

Diante do exposto, se faz necessário afirmar que estes sítios arqueológicos são amparados por lei e garantido a sua proteção independentemente de serem vestígios resultantes de atividades humanas, localizados em superfície, subsuperfície ou submersos, mesmo que ainda não tenham sido reconhecidos.

Desta forma, buscamos demonstrar com essa pesquisa que Parintins tem muitos sítios arqueológicos desconhecidos, ignorados, desprezados, que merecem uma atenção por parte de pesquisadores, mas também do poder público na esfera municipal, estadual e federal com relação ao apoio nos projetos que procuram contribuir com a ressignificação da história local, além de políticas efetivas de valorização do patrimônio arqueológico local.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Arqueologia hoje: tendências e debates / Vagner Carneiro PORTO, editor-- São Paulo: MAE/USP, 2019.

GADOTTI, Moacir. **A questão da educação formal/não-formal**. Seminário Direito à educação: solução para todos os problemas ou problema sem solução? Institut International Des Droits DeL'enfant (Ide), Suíça, 2005.

GUIA TEMÁTICO. **Programa de Educação Patrimonial do Levantamento Arqueológico do Gasoduto Coari-Manaus**. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo – USP. São Paulo, 2008.

_____. Geoarqueologia em sítios abrigados: processos de formação, estratigrafia e potencial informativo. In: **Geoarqueologia: teoria e prática**. Goiânia: UCG, 2008.

<https://censo2022.ibge.gov.br/Parintins-am>. IBGE. **Censo Demográfico do Brasil**. População Parintins-AM: IBGE, 2022.

<https://www.espacoarqueologia.com.br/legislacao:Portaria203162019,desitiosarqueologicospeloIphan>.

<http://www.webartigos.com/articles/34053/1/ENSAIO-Espacos-Nao-Formais-uma-realidade-contemporanea/pagina1.html>.

JACAÚNA, C. L. F. dos S. O tema água como incentivador na Alfabetização Ecológica dos alunos do 5º ano do Ensino Fundamental. – Manaus: UEA, 2012.

LIMA, Helena Pinto; BARRETO, Cristina; BETENCOURT, Carla; Jaimes. **Cerâmicas arqueologia da Amazônia: rumo a uma nova síntese**. In. BARRETO, Cristina; LIMA, Helena Pinto; BETENCOURT, Carla; Jaimes (org). **Cerâmicas arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova Síntese**. Belém: IPHAN: Ministério da Cultura, 2016. P. 19-31.

MARUPIARA. **Revista Científica do Centro de Estudo Superior de Parintins**. Parintins, trabalho apresentado em 18/12/2015 2016; aprovado em 12/02/2016.

MESSEDER, H. Teorias de aprendizagem. Youtube. Brasília, 2020. Disponível em: https://youtu.be/vjez_rNXGYk. Acesso em: 20 nov. 2023

MORAES, A. C. *Perspectivas Geoambientais da Arqueologia do Paranapanema Paulista*. Tese (Livre Docência em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnografia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

Revista Brasileira de Educação em Geografia. **Aula de Campo no Ensino de Geografia: uma visão pela literatura científica brasileira**. Campinas, v. 10, n. 20, p. 357-372, jul./dez., 2020.

ROOSEVELT, Anna Curtenius. **Arqueologia Amazônica**. In: CUNHA, Manuela Carneiro da. **Histórias dos Índios no Brasil**. 2ª ed. Companhia das Letras. São Paulo, 1992.

RUBIN, J.C.R., SILVA, R.T. **Geoarqueologia: teoria e prática**. Goiânia: Ed. da UCG, 2008.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado, fundamentos teórico e metodológico da geografia**. São Paulo: Hucitec, 1988.